

Reinações  
de Emília



## REINAÇÕES DE EMÍLIA

Atrevida, questionadora, espevitada, pernóstica, desafortada, e, principalmente, falante. Por isso, encantadora. Essa é a Emília, personagem lobatiana, que essa exposição literária quer mostrar: a boneca que fala e constrói um universo maravilhoso – e, às vezes, cruel – através da linguagem. É comum que, na literatura infantil, bichos, estrelas e plantas falem, mas uma boneca!?... Sim, Emília fala e, através do que diz, legitima seu reinado no Sítio do Picapau Amarelo.

Com *Reinações de Emília*, a Superintendência de Bibliotecas Públicas oferece aos leitores de Minas um pouco da exuberância da boneca que, há décadas, vem conquistando o coração de leitores de todas as idades. E é tamanha a paixão despertada por Emília que, é certo, não vão faltar leitores em busca de livros de Monteiro Lobato nas bibliotecas públicas mineiras.

Que essa exposição literária seja estímulo para muitas e boas leituras e que contribua para a construção de uma Minas Leitora.



Ilustração: Manoel Vitor Filho

# Monteiro Lobato

Em 18 de abril de 1882, em Taubaté (SP), nasceu José Bento Monteiro Lobato, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olívia Augusta Monteiro Lobato. Juca, assim era chamado, tinha duas irmãs. Na infância, adorava os livros do seu avô, o Visconde de Tremembé.

Aos 18 anos, entrou para a Faculdade de Direito, por imposição do avô, pois preferia a Escola de Belas Artes. Depois de formado, em 1907, vai trabalhar como promotor em Areias (SP) e logo depois casou-se com Maria Pureza da Natividade (Purezinha), com quem teve quatro filhos: Edgar, Guilherme, Marta e Rute. Em 1917, vendeu a fazenda que herdara do avô e mudou-se para São Paulo.

Em 1918 publicou seu primeiro livro para adultos "Urupês". Com Monteiro Lobato iniciou-se o movimento editorial brasileiro. Fundou a Editora Monteiro Lobato & Cia, melhorando a qualidade gráfica da época e lançando autores inéditos, mas acabou indo à falência.

Em 1920 lançou "A menina do nariz arrebitado", seu primeiro livro para crianças. Convidado pra ser adido comercial em New York ficou lá por 4 anos (1927-1931). Voltou para o Brasil e se envolveu com a Campanha do Petróleo, fazendo conferências, enviando cartas, conscientizando o país inteiro da importância do óleo e acabou preso. Voltou-se para a criação de histórias para crianças e lançou dezenas de livros com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo.

Morreu em 4 de julho de 1948 em São Paulo. Suas obras completas são constituídas por 17 volumes dirigidos às crianças e 17 para adultos englobando contos, ensaios, artigos e correspondência.



"Aquela tristeza de Dona Benta andava a anoitecer o Sítio do Picapau, outrora tão alegre e feliz. E foi justamente essa tristeza que levou Emília a planejar e realizar a mais tremenda aventura que ainda houve no mundo. Emília jurara consigo mesma que daria cabo da guerra e cumpriu o juramento – mas por um triz não acabou também com a Humanidade inteira.

Na noite daquele dia, em sua caminha de paina, ela perdeu o sono. Quem entrasse em sua cabeça leria um pensamento assim: 'Esta guerra já está durando demais e se eu não fizer qualquer coisa, os famosos bombardeios aéreos continuam, e vão passando de cidade em cidade, e acabam chegando até aqui. Alguém abriu a chave da guerra. É preciso que outro alguém a feche. Mas onde fica a chave da guerra? Pessoa nenhuma sabe. Mas se eu tomar uma pitada do superpó que o Visconde está fabricando, poderei voar até o fim do mundo e descobrir a Casa das Chaves. Porque há de haver uma Casa das Chaves, com chaves que regulem todas as coisas deste mundo, como as chaves da eletricidade no corredor regulam todas as lâmpadas de uma casa.'"

*Do livro A Chave do Tamanho*





“Dona Benta, avó de Pedrinho e Narizinho, vive com eles no Sítio do Picapau Amarelo, em companhia de Tia Nastácia, uma preta cozinheira, e mais o Visconde de Sabugosa, que é um sabugo de milho muito sabido, Quindim, que é um rinoceronte domesticado, o Conselheiro, que é um admirável burro falante, e a Emília, uma ex-boneca de pano, antiga esposa do celeberrimo Marquês de Rabicó. Emília foi evoluindo e insensivelmente passou de boneca a gente de verdade, conservando o tamanho inicial – quarenta centímetros de altura. É o símbolo da independência mental e da habilidade para enfrentar todas as situações. Praticamente é quem governa o sítio de Dona Benta – e sempre exerceu uma completa ascendência sobre o Visconde.”

*Do livro A Chave do Tamanho*

“- O pôr-do-sol de hoje é de trombeta – disse Emília, com as mãos na cintura, depezinha sobre o batente da porteira onde, naquela tarde, depois do passeio pela floresta, o pessoal de Dona Benta havia parado. Eles nunca perdiam ensejo de aproveitar os espetáculos da natureza. Nas chuvas fortes, Narizinho ficava de nariz colado à janela vendo chover. Se ventava, Pedrinho corria à varanda com o binóculo para espiar a dança das folhas secas – “quero ver se tem saci dentro”. E o Visconde dava as explicações científicas de todas as coisas.

O pôr-do-sol daquele dia estava realmente lindo. Era um pôr-do-sol de trombeta. Por quê? Porque Emília tinha inventado que em certos dias o Sol “tocava trombeta a fim de reunir todos os vermelhos e ouros do mundo para a festa do ocaso”. Diante de um pôr-do-sol de trombeta ninguém tinha ânimo de falar, porque tudo quanto dissessem saía bobagem. Mas Dona Benta não se conteve.

- Que maravilhoso fenômeno é o pôr-do-sol! – disse ela. Emília deu um piscar para o Visconde por causa daquele “fenômeno” e resolveu encerrar.

- Por que é que se diz “pôr-do-sol”, Dona Benta? – perguntou com o seu célebre ar de anjo de inocência. – Que é que o Sol põe? Algum ovo?

Dona Benta percebeu que aquilo era uma pergunta-armadilha, das que forçavam certa resposta e preparavam o terreno para o famoso “então” da Emília.

- O Sol não põe nada, bobinha. O Sol põe-se a si mesmo.

- Então ele é o ovo de si mesmo. Que graça!”

*Do livro A Chave do Tamanho*

"Dona Benta estava examinando o galo da testa da negra quando ouviu umas batidinhas na porta. Mandou que Narizinho abrisse. Eram as jabuticabas.

- Dona Benta - disseram elas muito zangadinhas -, viemos queixar-nos da peça que a Emília nos pregou. Imagine que nos transferiu dos nossos galhos na mamãe-jabuticabeira para um pé de abóbora - uns talos molengões que andam pelo chão. E ficamos presas ali, encostadas à terra, a nos sujar de pós e ciscos. Ora, isso é um despropósito, porque somos frutas de galho e não de chão, como certos porcalhões que conhecemos.

(A Rãzinha cochichou para a Emília: "Isso deve ser indireta para os morangos".)

- Vocês tem razão, jabuticabinhas - disse Dona Benta -, e vou repô-las todas no lugar certo. Impossível admitir que umas criaturas delicadas como vocês andem pelo chão. Chão é bom só para abóbora.

E voltando-se para Emília:

- Vá já desfazer o que fez! - ordenou rispidamente.

Emília fez beicinho e disse para a Rã:

- Ela era democrática quando saiu daqui. Depois que lidou com os ditadores da Europa, voltou totalitária cheia de "vás". Pois não vou!

E não foi! As abóboras e as jabuticabeiras tiveram de arrumar-se sozinhas.

- Agora, sim - ia dizendo Emília-, agora ela deu uma razão boa, clara, que me convenceu, e por isso vou desmanchar o que fiz. Mas com aquele "vá!" do começo, a coisa não ia, não! Vá o Hitler. Vá o Mussolini. Comigo é ali na batata da convicção, do argumento científico!"

*Do livro A Reforma da Natureza*



Ilustração: Rodolfo

- Pois eu tenho uma idéia muito boa – disse Emília. – Fazer o livro comestível.

- Que história é essa?

- Muito simples. Em vez de impressos em papel de madeira, que só é comestível para o caruncho, eu farei os livros impressos em um papel fabricado de trigo e muito bem temperado. A tinta será estudada pelos químicos – uma tinta que não faça mal para o estômago. O leitor vai lendo o livro e comendo as folhas; lê uma, rasga-a e come. Quando chega ao fim da leitura, está almoçado ou jantado. Que tal?

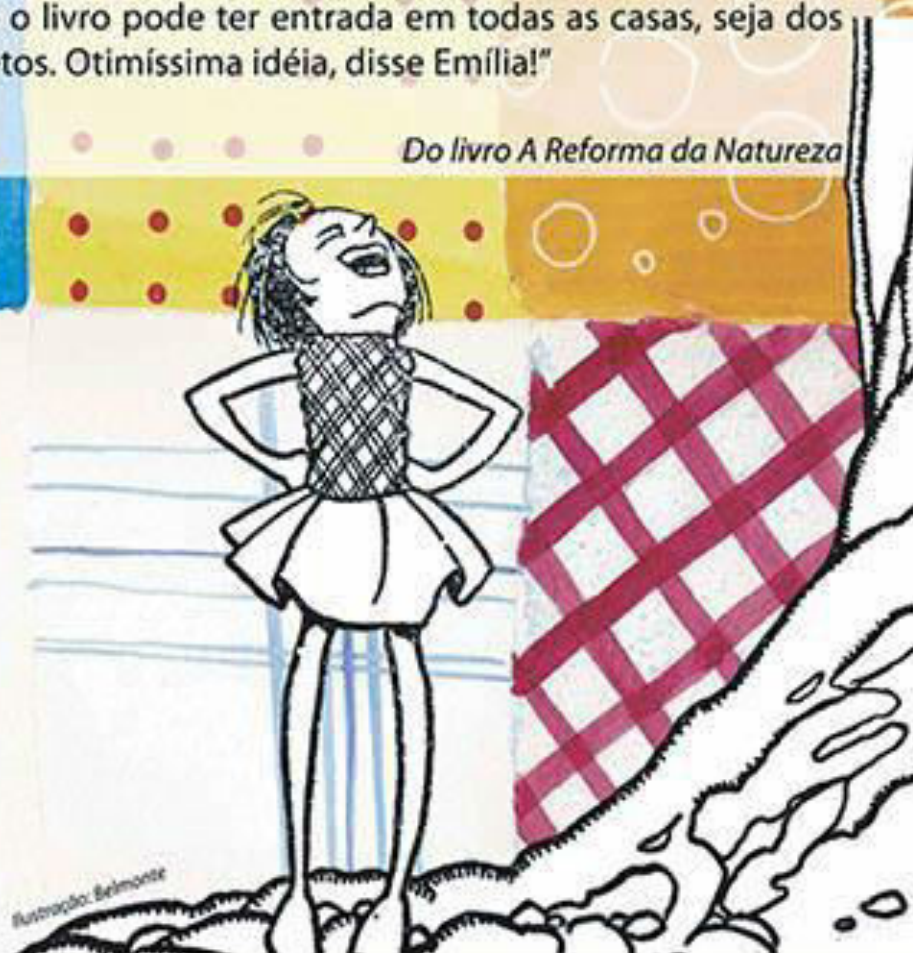
A Rãzinha gostou tanto da idéia que até lambeu os beiços.

- Ótimo, Emília! Isto é mais que uma idéia-mãe. E cada capítulo do livro será feito com papel de certo gosto. As primeiras páginas terão gosto de sopa; as seguintes terão gosto de salada, de assado, de arroz, de tutu de feijão com torresmos. As últimas serão as da sobremesa – gosto de manjar branco, de pudim de laranja, de doce de batata.


- E as folhas do índice – disse Emília – terão gosto de café, serão o cafezinho final do leitor. Dizem que o livro é o pão do espírito. Por que não ser também pão do corpo? As vantagens seriam imensas. Poderiam ser vendidos nas padarias e confeitarias, ou entregues de manhã pelas carrocinhas, juntamente com o pão e o leite.

- Nem precisaria mais pão, Emília! O velho pão viraria livro. O Livro-Pão, o Pão-livro! Quem souber ler lê o livro e depois come; quem não souber ler come-o só, sem ler. Desse modo o livro pode ter entrada em todas as casas, seja dos sábios, seja dos analfabetos. Otimíssima idéia, disse Emília!"

*Do livro A Reforma da Natureza*







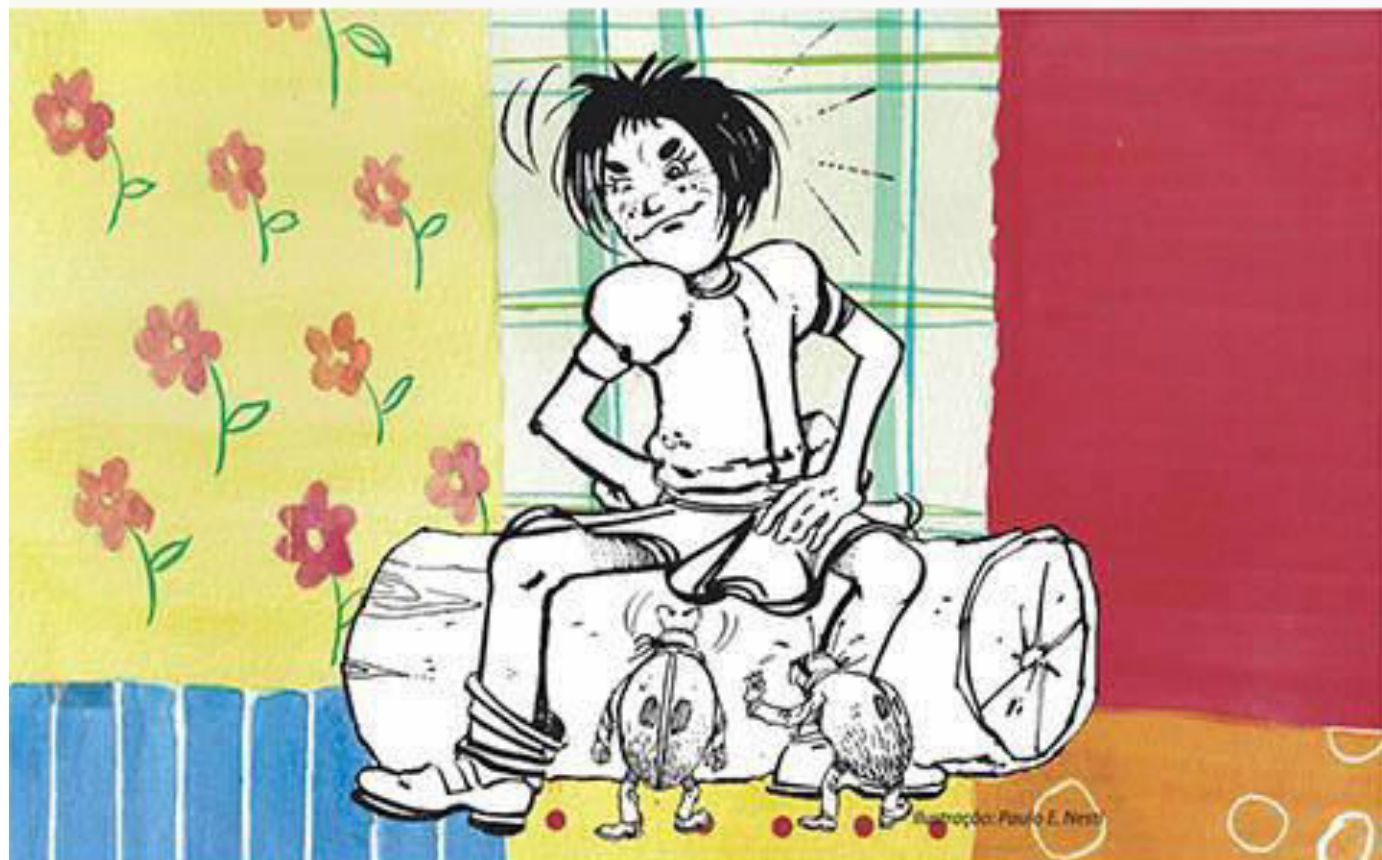
“- E como sou filósofa – continuou Emilia – quero que minhas Memórias comecem com a minha filosofia de vida.

- Cuidado, Marquesa! Mil sábios já tentaram explicar a vida e se estreparam.

- Pois eu não me estreparei. A vida, Senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem para de piscar, chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos – viver é isso. É um dorme-e-acorda, dorme-e-acorda, até que dorme e não acorda mais. É portanto um pisca-pisca.

O Visconde ficou novamente pensativo, de olhos no teto.”

*Do livro Memórias da Emilia*



"Tanto Emília falava em "Minhas Memórias" que uma vez Dona Benta perguntou:

- Mas, afinal de contas, bobinha, que é que você entende por memórias?
- Memórias são a história da vida da gente, com tudo o que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte.
- Nesse caso – caçou Dona Benta – uma pessoa só pode escrever memórias depois que morre...
- Espere – disse Emília. – O escrevedor de memórias vai escrevendo, até sentir que o dia morte vem vindo. Então para; deixa o finalzinho sem acabar. Morre sossegado.
- E as suas memórias vão ser assim?
- Não, porque não pretendo morrer. Finjo que morro, só. As últimas palavras tem de ser estas: "E então morri..." com reticências. Mas é peta. Escrevo isso, pisco o olho e sumo atrás do armário para que Narizinho fique mesmo pensando que morri. Será a única mentira das minhas Memórias. Tudo mais verdade pura, da dura – ali na batata, como diz Pedrinho.

Dona Benta sorriu.

- Verdade pura! Nada mais difícil do que a verdade, Emília.
- Bem sei – disse a boneca. – Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta idéia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar idéia de que está falando a verdade pura.

Dona Benta espantou-se de que uma simples bonequinha de pano andasse com idéias tão filosóficas."

*Do livro Memórias da Emília*



“Emília riu-se.

- Está vendo como é filosófica a minha idéia? O Senhor Visconde já está de olhos parados, erguidos para o forro. Quer dizer que pensa que entendeu... A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. Cada piscão é um dia. Pisca e mama; pisca e anda; pisca e brinca; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e cria filhos; pisca e geme os reumatismos; por fim pisca pela última vez e morre.

- E depois que morre? – perguntou o Visconde.

- Depois que morre vira hipótese. É ou não é?  
O Visconde teve de concordar que era.”

*Do livro Memórias da Emília*



“- Sabe escrever memórias, Emília? – repetiu o Visconde ironicamente. – Então isso de escrever memórias com a mão e a cabeça dos outros é saber escrever memórias?”

- Perfeitamente, Visconde! Isso é que é o importante. Fazer coisas com a mão dos outros, ganhar dinheiro com o trabalho dos outros, pegar nome e fama com a cabeça dos outros: isso é que é saber fazer as coisas. Ganhar dinheiro com o trabalho da gente, ganhar nome e fama com a cabeça da gente, é não saber fazer as coisas. Olhe, Visconde, eu estou no mundo dos homens há pouco tempo, mas já aprendi a viver. Aprendi o grande segredo da vida dos homens na Terra: a esperteza! Ser esperto é tudo. O mundo é dos espertos. Se eu tivesse um filhinho, dava-lhe um só conselho: ‘Seja esperto, meu filho!’”

*Do livro Memórias da Emília*



“O Visconde já estava com os dedos cansados de tanto escrever, e também revoltado contra as exigências de Emília. Súbito, riu-se. “Vou pregar-lhe uma peça, pensou lá consigo. Vou escrever uma coisa e quando ela voltar e me mandar ler, eu pulo o pedaço ou leio outra. É isso...”

E pôs-se a escrever contra a boneca assim:

“Emília é uma tirana sem coração. Não tem dó de nada. Quando Tia Nastácia vai matar um frango, todos correm de perto e tapam os ouvidos. Emília, não. Emília vai assistir. Dá opiniões, acha que o frango não ficou bem matado, manda que Tia Nastácia o mate novamente – e outras coisas assim.”

*Do livro Memórias da Emília*



Ilustração: André Le Blanc

“Também é a criatura mais interesseira do mundo. Tudo quanto faz tem uma razão egoística. Só pensa em si, na vidinha dela, nos brinquedos dela. Por isso mesmo está ficando a pessoa mais rica da casa.

Emília é uma criaturinha incompreensível. Faz coisas de louca, e também faz coisas que espantam a gente, de tão sensatas. Diz asneiras enormes, e também coisas tão sábias que Dona Benta fica a pensar. Tem saídas para tudo. Não se aperta, não se atrapalha. E em matéria de esperteza, não existe outra no mundo. Parece que adivinha, ou vê através dos corpos.

(...)

Um dia, em que muito me impressionei com qualquer coisa que ela disse, propus-lhe a pergunta:

- ‘Mas, afinal de contas, Emília, que é que você é?’

Emília levantou para o ar aquele implicante narizinho de retrós e respondeu;

- ‘Sou a Independência ou Morte!’ ”

*Do livro Memórias da Emília*

“Dizem todos que não tenho coração. É falso. Tenho sim, um lindo coração – só que não é de banana. Coisinhas à-toa não o impressionam; mas ele dói quando vê uma injustiça. Dói tanto, que estou convencida de que o maior mal deste mundo é a injustiça.

Quando vejo certas mães baterem nos filhinhos, meu coração dói. Quando vejo trancarem na cadeia um homem inocente, meu coração dói. Quando ouvi Dona Benta contar a história de D. Quixote, meu coração doeu várias vezes, porque aquele homem ficou louco apenas por excesso de bondade. O que ele queria era fazer o bem para os homens, castigar os maus, defender os inocentes. Resultado: pau, pau e mais pau no lombo dele. Ninguém levou tanta pancadaria como o pobre cavaleiro andante – e estou vendo que isso acontece a todos os bons. Ninguém os compreende. Quantos homens não padecem nas cadeias do mundo só porque quiseram melhorar a sorte da humanidade? Aquele Jesus Cristo que Dona Benta tem no oratório, pregado numa cruz, foi um. Os homens do seu tempo que só cuidavam de si, esses viveram ricos e felizes. Mas Cristo quis salvar a humanidade e que aconteceu? Não salvou coisa nenhuma e teve que agüentar o maior dos martírios.

Quando falo assim, Narzinho me chama de “filósofa” e ri-se. Não sei se é filosofia ou não. Só sei que é como sinto e penso e digo.

Eu era uma criaturinha feliz enquanto não sabia ler e portanto não lia os jornais. Depois que aprendi a ler e comecei a ler os jornais, comecei a ficar triste. Comecei a ver como é na realidade o mundo. Tanta guerra, tantos crimes, tantas perseguições, tantos desastres, tanta miséria, tanto sofrimento...”

*Do livro Memórias da Emília*

"Emília tinha um modo desnordeado de pensar. Assim, por exemplo, as suas célebres "asneirinhas". Muitas vezes não eram asneiras – eram modos diferentes de encarar as coisas, como quando explicou ao anjinho o caso das frutas do pomar.

- Frutas são bolas que as árvores penduram nos ramos, para regalo dos passarinhos e das gentes. Dentro há caldos ou massas de todos os gostos. As maçãs usam massas. As laranjas usam caldo. E as pimentas usam um ardor que queima a língua da gente.

- Então têm fogo dentro? Fogo é que queima.

Emília ria-se.

- Ah, anjinho! Você vai custar a compreender os segredos da língua humana. Este "queima" é outro caso. Queimar é uma arte que só o fogo faz, mas quando uma coisa arde na língua nós dizemos que queima.

- Mas queima mesmo?

- Não queima, mas nós dizemos assim. Um ácido que pingamos na pele nós também dizemos que queima. Uma loja que está em liquidação nós dizemos que está "queimando" as suas mercadorias. No brinquedo do esconde-esconde, quando o que está de olhos vendados chega perto do escondido, nós dizemos que está "queimando".

- Então... então... então – dizia o anjinho – a trapalhada deve ser medonha.

Emília ria-se, ria-se.

- Eu já estive no País da Gramática, onde todos os habitantes são palavras. E um dia hei de contar por miúdo como a Gramática lida com elas e consegue dar ordem ao pensamento.

- Dar ordem não é mandar uma pessoa fazer uma coisa?

- É e não é. Às vezes é, outras vezes não é. Dar ordem pode ser mandar fazer uma coisa e também pode ser botar cada coisa no seu lugar.

- E como a gente sabe quando é dum jeito ou de outro?

- Pelo sentido.

- E que é sentido?

Emília desanimou. Não há nada mais difícil do que ensinar anjinhos."





"- Nasci no ano de... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada... (...) E nasci numa saia velha de tia Nastácia. E nasci vazia. Só depois de nascida é que ela me encheu de pétalas uma cheirosa flor cor de ouro que dá nos campos e serve para estufar travesseiros.

- Diga logo macela, que todos entendem.

- Bem. Nasci, fui enchida de macela que todos entendem e fiquei no mundo feito uma boba, de olhos parados, como qualquer boneca. E feia. Dizem que fui feia que nem uma bruxa. Meus olhos tia Nastácia os fez de linha preta. Meus pés eram abertos para fora, como pés de caixeirinho de venda. (...) Eu era assim. Depois fui melhorando no resto. Tia Nastácia foi me consertando, e Narizinho também. Mas nasci muda como os peixes. Um dia aprendi a falar. (...) Fiquei falante com uma pílula que o célebre Doutor Caramujo me deu. Narizinho conta que a pílula era muito forte de modo que fiquei falante demais. Assim que abri a boca, veio uma torrente de palavras que não tinha fim. Todos tiveram de tapar os ouvidos. E tanto falei que esgotei o reservatório. A fala então ficou no nível."

*Do livro Memórias da Emília*

"Dona Carochinha nada disse. Foi tratando de pegar a vara, a lâmpada, as botas e até o espelho mágico que Branca de Neve dera à boneca. Em seguida raspou-se, resabiadamente.

Mas antes que ela chegasse à porteira Emília explodiu:

- Cara de coruja seca! Cara de jacarepaguá cozinhada com morcego e misturada com farinha de bicho cabeludo - anh!... - e botou-lhe uma língua tão comprida que Dona Carochinha foi arregaçando a saia e apressando o passo..."

*Do livro Reinações de Narizinho*



Ilustração: Manoel Vitor Filho



“Pedrinho deu novos pulos de alegria, tal barulho fazendo que a boneca lá da sala ouviu e veio ver o que era. E o mesmo Pedrinho que minutos antes vinha formando planos para vingar-se do logro que levara, mudou completamente de idéia. Tratou mais foi de adular a futura fadinha.

- Emília – disse ele com a voz mais amável do mundo-, vou fazer três cavalinhos novos para você, cada qual de uma cor, e uma casinha linda para você morar, e um fogãozinho para você cozinhar, e um trapézio para você balançar-se, e umas asinhas para você voar e uma...

A boneca espantou-se tanto com aqueles nunca vistos excessos de gentilezas, que foi arregalando os olhos, arregalando, arregalando, até que – pluft! – arrebutaram.

- Malvado! – berrou ela com cara de choro. – Está aí o que você me fez... Os olhos de Emília eram de retrós e sempre que se arregalavam demais acontecia aquilo – arrebutavam...”

*Do livro Reinações de Narizinho*

## Reinações de Emília

As exposições literárias itinerantes elaboradas pela Superintendência de Bibliotecas Públicas fazem parte do programa de incentivo à leitura da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais junto às bibliotecas públicas municipais. Cada mostra contém a síntese da obra de um autor ou extratos de um livro muito significativo na história da literatura ou ainda textos relacionados a um tema de interesse dos leitores da biblioteca pública. A estes as exposições são destinadas visando despertar, motivar ou renovar o prazer da leitura literária.

*Governador do Estado de Minas Gerais: Antônio Anastasia*

*Secretário de Estado de Cultura: Washington Mello*

*Secretário-adjunto: Estevão Fiúza*

*Superintendente de Bibliotecas Públicas: Áurea Piacesi*

*Diretora de Ações de Incentivo à Leitura: Fabíola Farias*

*Diretora de Extensão e Ação Regionalizada: Márcia Melo*

*Coordenadora da Divisão Infanto-Juvenil: Drusília Xavier*

*Coordenação Geral: Drusília Xavier e Fabíola Farias*

*Apoio Executivo: Cleide Fernandes, Ricardo Girundi, Vanessa*

*Mendes, Marcelo de Souza Santos e Gilson Oliveira*

*Programação Visual: Jean Paulo Lopes (Coordenador Pedagógico da Escola Técnica de Artes Visuais Casa dos Quadrinhos)*